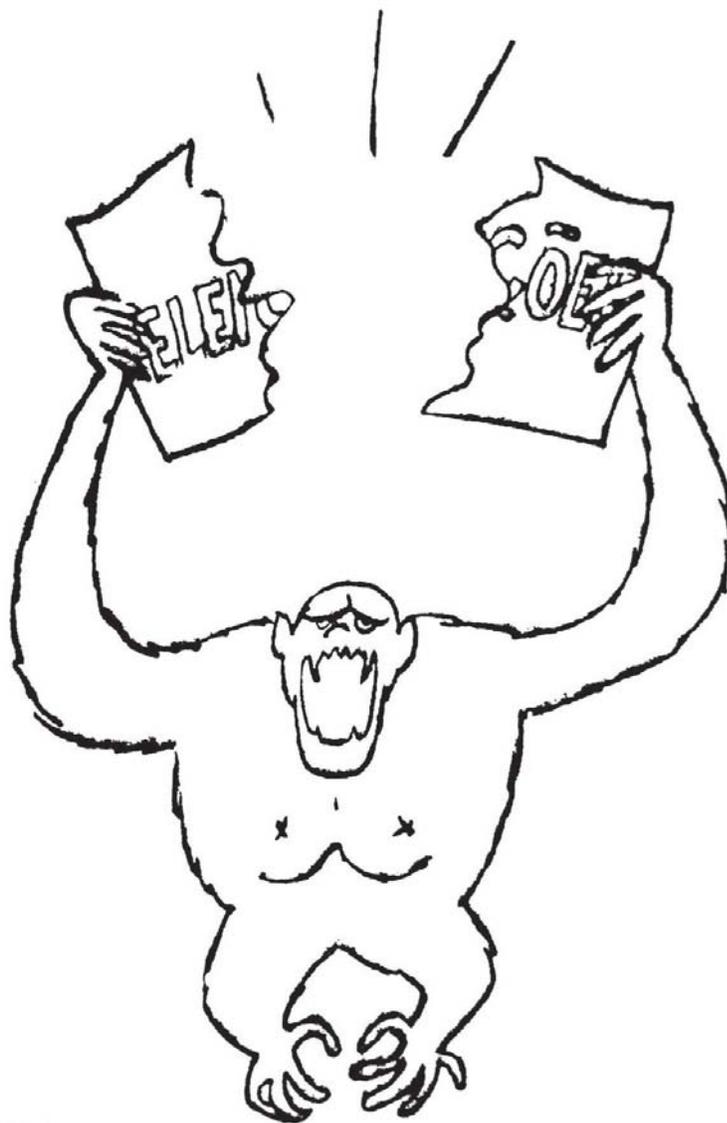


A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda



Fritz. *Última Hora*, 21 mar. 1962.

Rodrigo Patto Sá Motta

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. rodrigomotta@yahoo.com.br

A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*

Rodrigo Patto Sá Motta

RESUMO

O texto analisa as origens e usos da figura caricatural do gorila no contexto da crise política que levou ao golpe de 1964, marcado por radicalização e mobilização intensas das forças em disputa no cenário público. O contexto foi propício para o enriquecimento do discurso político, tanto o verbal como o visual, e a imagem do gorila foi construída em meio às batalhas discursivas do período. O propósito do artigo é mostrar o papel ocupado por essa figura no imaginário construído pelas esquerdas em ação no início dos anos de 1960, que seria mobilizada para atacar os inimigos à direita, principalmente os militares, dando origem a uma representação caricatural que continuaria em uso durante a ditadura.

PALAVRAS-CHAVE: caricatura; política; regime militar.

ABSTRACT

The article analyses the origins of the caricature of the gorilla, a product of the political debate of the early 1960's, and how it was used during the crisis that led to the coup d'etat in 1964. The radicalization of that period offered opportunities to enrich the political discourse, both verbally and visually, and the gorilla figure was produced during the political battles of the context. The objective of the article is to show the role played by the gorilla in the imaginary built by the left-wing groups in action at the time. The caricature of the gorilla was used as a mockery attack against the right-wing forces in general, particularly against the militaries, and would also be used under the dictatorship for the same purposes.

KEYWORDS: caricature; politics; military regime.



* Este artigo é desdobramento de análises apresentadas em *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. No livro expus algumas reflexões iniciais sobre a figura caricatural do gorila, mas sem maior aprofundamento. Aqui o tema é retomado em abordagem mais elaborada, inclusive com a adição de novos elementos e referências documentais que permitiram refinar e corrigir a análise original. Agradeço o financiamento do CNPq e a colaboração do mestrando Samuel Oliveira e Júlia Gumieri no trabalho de levantamento de dados.

Este artigo é dedicado à análise de personagem central nas conturbadas e conflituosas representações políticas dos anos 1960 e 1970, o gorila. Construída em meio às batalhas ideológicas do período, a figura foi uma das principais armas discursivas usadas pelas esquerdas para atacar seus adversários. O propósito aqui é dissecar o processo de construção dessa figura caricatural, bastante conhecida mas pouco estudada. O texto mostra as origens do gorila e analisa as diferentes maneiras como foi apropriado pelos discursos políticos em choque no Brasil durante o contexto referido. Como a historiografia recente tem demonstrado de sobejo, nas lutas políticas, com frequência, as representações alegóricas aqui, mais precisamente caricaturais são tão importantes quanto os discursos convencionais. Esta afirmação é particularmente pertinente para o caso em foco, pois, nos embates políticos do contexto, um dos objetivos mais importantes era a conquista da imaginação popu-

lar. Espero demonstrar que o recurso à comicidade e ao humor derrisório teve impacto significativo no Brasil dos anos 1960, e que o gorila foi personagem-chave nesse processo.

Caricatura e comicidade

Arte gráfica praticada pelo menos desde o Renascimento, caricatura tem o sentido de carregar, de exagerar determinadas características da figura retratada, sempre com intenção crítica e zombeteira. Com o passar do tempo, o humor gráfico foi se sofisticando e surgiram outras designações como cartum e charge¹, que talvez ofereça a definição mais precisa para a figura do gorila. Entretanto, neste texto optou-se pela manutenção do termo caricatura, por ser a designação genérica para as diversas formas de humor gráfico.

Tem se falado, e com certa razão, que a caricatura é uma linguagem visual de grande alcance popular, não obstante o público consumidor responsável por viabilizar financeiramente os veículos de imprensa ter origem, invariavelmente, nas camadas médias e alta da sociedade. O uso de grafismos cômicos permite maior aproximação das classes subalternas em relação à política. A caricatura ajuda a traduzir os eventos, conflitos e grandes personagens políticos para linguagem popular, tornando tais temas mais palatáveis para indivíduos iletrados e/ou socialmente excluídos.²

A força de comunicação da caricatura, seu potencial de atrair o interesse de largos setores sociais é decorrência, sobretudo, de sua veia cômica. Na maior parte dos casos, as caricaturas constituem-se em ataques zombeteiros, em representações grotescas e cômicas de personagens conhecidas do público. Exagerando no traço e carregando nas tintas, os artistas apontam defeitos, más ações ou realçam qualidades negativas das figuras retratadas. Em poucas palavras: as caricaturas mostram os atores políticos como seres ridículos e derrisórios, ou seja, como pessoas de quem se deve rir. Tornar uma personalidade pública objeto de riso não é ato fortuito, mas ação carregada de implicações políticas.

Por que ser objeto de riso causa tanto desconforto e, eventualmente, prejuízo político? A explicação, parte dela ao menos, já era conhecida dos pensadores da Antigüidade. A comicidade está ligada à operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri³. Quando alguém ri de outrem está expressando sensação de superioridade desdenhosa, sentindo-se elevado em comparação a pessoas cujos defeitos ou deficiências são salientados para exaltar as qualidades do ridente. Tornar algum personagem alvo de derrisão significa apontar nele debilidades ou falhas, ou apresentá-lo em situações ridículas, realçando suas fraquezas.

O riso agressivo e destrutivo, a derrisão, guarda estreita proximidade com o universo do grotesco, que diz respeito ao que é estranho, bizarro, extravagante, deformado, feio, monstruoso e ridículo⁴. Há quem sustente, e com certa dose de razão, que a caricatura pertence ao domínio do grotesco, por sua ênfase na deformação e no gosto pela hipérbole. E uma das formas mais tradicionais de representação grotesca no desenho caricatural é o recurso à zoomorfização, ou seja, a redução das personagens a formas animais, precisamente o caso do gorila analisado neste texto.

¹ Cf. MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 123.

² Cf. BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004, p. 98.

³ Para uma teorização acerca do riso e da comicidade, ver BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, e PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: tica, 1992.

⁴ Cf. SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 28.

⁵ O conceito é de FONTANIER, *apud* RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 97.

Para alcançar a desejada comunicação com o público e obter ampla disseminação, o desenho caricatural, do mesmo modo que outros discursos visuais, faz uso de estratégias de comunicação da linguagem verbal. Nesse sentido, uma possibilidade de análise das mais interessantes reside na percepção de que as caricaturas se utilizam de figuras de linguagem típicas do discurso verbal, como metáfora, metonímia e ironia. No caso do objeto em foco, a figura utilizada com mais frequência é, sem dúvida, a metáfora, que se constitui num dos mais eficazes meios que o discurso (verbal ou visual) dispõe para comunicar idéias ao grande público. Na produção caricatural da imprensa é evidente a preocupação em compor desenhos compreensíveis para o grande público, com o uso de metáforas simples e de arquétipos tradicionais para comunicar rapidamente as mensagens políticas.

As metáforas ajudam a explicar o mundo e a tornar os discursos mais compreensíveis, mais ao alcance do entendimento. Segundo uma definição clássica, a metáfora consiste em apresentar uma idéia sob o signo de outra idéia mais evidente ou mais conhecida⁵. Através do uso de imagens familiares e amplamente conhecidas, as metáforas permitem levar à compreensão do espectador temas distantes ou abstratos. Quando bem construídas, as metáforas produzem mensagens de alto poder comunicativo, capazes de sintetizar argumentos complexos e fazê-los chegar aos olhos do público com rapidez e eficiência.

Tendo em vista a crença disseminada no argumento que a linguagem caricatural permitiria, simultaneamente, estabelecer comunicação com o grande público e servir de arma contra os adversários políticos, não causa surpresa que as forças antagônicas em disputa no Brasil dos anos 1960 lançassem mão de tal recurso visual. Nas intensas batalhas ideológicas do período, os diferentes atores políticos em cena, empenhados em conquistar a imaginação popular, investiram na construção de representações caricaturais dos adversários. Por isso, líderes e projetos políticos de todos os quadrantes ideológicos foram atacados à exaustão pelos caricaturistas: Goulart, Lacerda, Brizola, Kubitschek, os comunistas, os Estados Unidos (Tio Sam), os militares etc.

No campo representacional das esquerdas, uma das principais armas discursivas mobilizadas foi o gorila. Nesse caso, a representação metafórica acionada é que as forças de direita tinham as mesmas características do símio, associadas à imagem de atraso e reação. A construção do gorila enquadra-se perfeitamente nas teorizações clássicas do riso, pois se tratava de zombar do outro através do rebaixamento grotesco, nesse caso, representando o inimigo político como animal. E a besta não foi escolhida de maneira aleatória: o gorila sugere um ser dotado de força maciça, brutal, mas, ao mesmo tempo e aí reside parte do efeito cômico, o animal evoca a idéia de rudeza, de ignorância.

O gorila seria uma síntese de brutalidade e estupidez, ou seja, o bicho seria tão forte quanto burro. E essa é uma imagem corrente no pensamento progressista e de esquerda, a percepção de que à direita encontram-se as forças do atraso, da ignorância e da repressão. O gorila passou a representar o conjunto das forças de direita, mas, em sua formulação original, tratava-se de referência específica aos militares direitistas, considerados golpistas inveterados.

O nascimento do gorila

O gorila não foi criado no Brasil; trata-se de produto de importação. A figura foi apropriada da vizinha Argentina e adaptada ao debate político brasileiro. É um exemplo interessante de como o vocabulário (verbal e iconográfico) político dos dois países estava em comunicação durante aquele período, fenômeno que não recebeu ainda a devida atenção dos pesquisadores. Em que pesem as peculiaridades do cenário político brasileiro, a apropriação do gorila seguiu parâmetros ideológicos semelhantes aos utilizados na Argentina, pois naquele país a imagem do animal foi usada pelos peronistas de esquerda para atacar militares direitistas que se opunham ao peronismo. O movimento político criado por Juan Perón era ideologicamente ambíguo e seu amplo guarda-chuva abrigava interpretações conflitantes do legado do líder, que variavam desde posições esquerdistas até projetos nacional-conservadores.

É importante mencionar que não havia intenção de criticar os militares quando o termo foi usado pela primeira vez. A expressão começou a circular em 1955, quando Perón experimentava momento de grande instabilidade política. Há mais de uma década no poder, o líder argentino sofria pressão de importantes segmentos da sociedade, notadamente as Forças Armadas e a Igreja, insatisfeitas com o regime autoritário e populista. Havia forte sensação que os dias de Perón no comando da Argentina estavam contados. A expressão teria sido criada por um humorista para se referir ao esperado golpe militar que deporá Juan Perón. Os gorilas estão chegando, teria dito ele em *sketch* que parodiava filme hollywoodiano então em cartaz, estrelado por Clarke Gable e Ava Gardner. O filme (*Mogambo*) é ambientado na selva africana e um dos personagens, pesquisador e cientista, ao ouvir qualquer barulho proveniente das matas, dizia, atemorizado: devem ser os gorilas, devem ser⁶. A cena do filme foi usada como inspiração metafórica para aludir aos rumores ouvidos na Argentina daquele momento, um indicador de que atores políticos importantes sairiam das matas para alterar os rumos do país.

A trajetória inicial do gorila na Argentina é obscura e em sua primeira versão a imagem não tinha sentido pejorativo, pois o humorista que a disseminou guardava sentimentos antiperonistas. Porém, independente de qual tenha sido a intenção original, não há dúvida que a imagem foi apropriada pela esquerda peronista para caricaturar os seus inimigos de uniforme. Entre o final dos anos de 1950 e os anos de 1970, o gorila foi usado para atacar os militares golpistas de direita, e, como ocorreram vários golpes durante esse período, não faltaram oportunidades para que o termo fosse mobilizado.

Um dos episódios mais marcantes do uso da expressão na Argentina se deu durante evento político de grande repercussão, realizado no espaço mais consagrado da política portenha, a Praça de Maio. Em 1973, Juan Perón voltara ao poder estatal após quase duas décadas de exílio, e entre os grupos que o apoiavam, um dos mais influentes era o dos Montoneros, organização de jovens revolucionários que confiava na liderança do velho líder para levar o país à redenção socialista. Porém, pouco após o retorno ao poder, Perón começou a se afastar da esquerda e buscar apoio na ala direita do seu movimento, provocando o rompi-

⁶ O nome do humorista é Aldo Cammarota, na época profissional de rádio. Informações retiradas do site Wikipédia (<<http://es.wikipedia.org/wiki/Antiperonista>>, acesso em 21 ago. 2007. Segundo o jornal *Última Hora* (11 maio 1963, p. 3) o termo foi cunhado pelo próprio Perón, mas trata-se de versão pouco provável. Library of Congress (LOC).

⁷ Na versão original: *Qué pasa, qué pasa, qué pasa General, está lleno de gorillas el gobierno popular!*^f. Cf. LEWIS, Paul. *Guerrillas and Generals: the dirty war in Argentina*. Westport: Praeger, 2002, p. 95.

⁸ Em janeiro de 1962, a série de atentados terroristas do MAC (Movimento Anticomunista) também gerou reação virulenta da imprensa simpática à esquerda, que pressionou as autoridades a punir o grupo. Os membros do MAC foram chamados de fascistas, sanguinários, terroristas, extremistas, mas o termo gorila ainda não fazia parte do vocabulário político brasileiro.

mento com os Montoneros. O ato simbólico da separação se deu na cerimônia de 1º de maio de 1974, data importante no calendário peronista, que os Montoneros usaram para denunciar a traição^f de Perón. Diante da praça tomada pela massa peronista, alguns milhares de Montoneros gritaram: O que está acontecendo, General, o governo popular está cheio de gorilas!^{f7}

Os gorilas brasileiros

Embora a expressão tenha começado a circular na Argentina nos anos de 1950, não encontrei sinal de seu uso no Brasil antes de 1962. Durante 1961 ocorreram episódios importantes de confronto entre grupos esquerdistas e militares de direita, que teriam levado ao uso do termo gorila se ele já estivesse em circulação no Brasil. A renúncia de Jânio Quadros em agosto daquele ano gerou grave crise política, devido à tentativa da ala direita das Forças Armadas de vetar a ascensão ao poder do vice-presidente João Goulart. A Campanha da Legalidade reuniu grupos esquerdistas e democratas unidos na defesa do respeito à Constituição, e eles atacaram virulentamente os golpistas liderados pelos ministros militares do governo Quadros. Os generais que vetaram a posse de Goulart foram adjetivados com vários nomes, como reacionários, golpistas, fascistas, antinacionais, traidores, entreguistas, agentes do imperialismo, entre outros. Porém, gorila não consta dessa ampla lista de adjetivos negativos acionados pelas esquerdas contra os adversários.

No final de 1961 houve outro conflito envolvendo a direita das Forças Armadas e os grupos progressistas. O choque e os sopapos envolveram o comandante (general Punaro Bley) da guarnição do Exército em Belo Horizonte e o jornalista José Maria de Almeida, editor do jornal *O Binômio*. O conflito começou quando Bley proferiu discurso anti-comunista em evento comemorativo da Intentona Comunista, em 27 de novembro de 1961. A tradição anticomunista estava sendo mobilizada pelos grupos conservadores para barrar o processo de crescimento da influência socialista no Brasil e os grupos de esquerda não se recusaram a travar batalha. Alguns dias depois da palestra do general Punaro Bley, o jornal *O Binômio* publicou matéria, atacando-o e denunciando suas atividades como interventor no Espírito Santo durante o Estado Novo. Bley foi tirar satisfações com Almeida e o episódio terminou em socos e no empastelamento do jornal por militares do Exército. Da crise saiu perdedor o general Bley, pois o presidente Goulart determinou sua transferência do posto. O evento alcançou repercussão nacional e foi reverberado pela imprensa simpática à esquerda, que denunciou os grupos conservadores dentro das Forças Armadas e o risco que eles representavam à democracia e às reformas sociais. Bley e os outros militares que o apoiaram foram distinguidos com vários adjetivos, como vândalos, baderneiros, bárbaros e, sobretudo, fascistas. Mas a expressão gorila não foi utilizada.⁸

O termo entrou em uso no Brasil na seqüência de mais um golpe motivado pelo antiperonismo na Argentina, que em 29 de março de 1962 derrubou o presidente Arturo Frondizi. O líder deposto não era peronista, na verdade pertencia à União Cívica Radical. Mas para conseguir os preciosos e numerosos votos peronistas, Frondizi fez acordo com Juan

Perón, comprometendo-se a reduzir a proscrição a que o movimento vinha sendo submetido desde 1955. Frondizi, que implantara programa desenvolvimentista semelhante ao de Juscelino Kubitschek, oscilava ao sabor das pressões opostas dos militares gorilas⁹ e do peronismo. Os primeiros tinham a força das armas, mas o segundo grupo era igualmente poderoso por sua capacidade de mobilizar a massa popular. Fiel a seus compromissos pré-eleitorais, Frondizi permitiu aos peronistas participar das eleições de março de 1962. O resultado foi arrasador: candidatos peronistas ganharam 10 dos 14 governos provinciais em disputa. Em resposta ao triunfo eleitoral dos candidatos de Perón, os tanques saíram às ruas mais uma vez e Frondizi foi retirado da presidência e recolhido à prisão.

Naturalmente, a imprensa brasileira repercutiu os acontecimentos do país vizinho. Mais do que isso, ela fez analogias com a situação política brasileira, em que o presidente João Goulart, animado com intenções reformistas e com apoio da esquerda, sofria pressão de setores de direita, principalmente provenientes das Forças Armadas. A possibilidade de vir a ocorrer golpe semelhante no Brasil parecia mais presente em vista dos eventos na Argentina.

De imediato, a imprensa simpática às causas reformistas adotou o termo gorila para descrever os golpistas da Argentina. A expressão foi usada nos textos e títulos das matérias, mas também inspirou os chargistas. A primeira representação gráfica dos gorilas^f argentinos parece ter sido traçada por Fritz no jornal *Última Hora* (UH). E é interessante que a charge foi publicada antes da derrubada de Frondizi, quando ainda era incerto se as pressões dos militares de direita teriam sucesso. Fritz retratou (figura 1) um gorila rasgando o texto as eleições argentinas^f, metáfora simples mas eficaz para comunicar a mensagem desejada.



Fig. 1. Fritz. *Última Hora*. 21 mar. 1962.

⁹ Na verdade, as divisões entre os militares argentinos eram mais complexas, assim como as opiniões em relação ao peronismo. A partir de 1962, dois grupos principais disputavam o controle do Exército e do Estado. Havia, de um lado, os vermelhos, ou gorilas^f, grupo radical que desejava a proscrição total do peronismo, visto como a porta de entrada do comunismo. O outro grupo eram os azuis, mais preocupados com a legalidade constitucional e mais propensos a negociar com o peronismo, embora o temessem. O que unia azuis e vermelhos (colorados) era um visceral anticomunismo. Cf. RIZ, Liliana de. *Historia argentina: la política en suspenso, 1966-1976*. Buenos Aires: Paidós, 2000, p. 30 e 31.

¹⁰ Matérias referentes às seguintes edições: 20 mar. 1962, p. 1; 21 mar. 1962, p. 1; 22 mar. 1962, p. 1, e 25 abr. 1962, p. 1, respectivamente. LOC.

Durante aqueles dias, em fins de março de 1962, as manchetes de UH repetiram o mote: Frondizi pressionado pelos gorilas *f*; Frondizi prisioneiro dos gorilas *f*; 600 mil operários fazem greve contra ditadura dos gorilas *f*; Ditadura militar implantada na Argentina: gorilas decretam anulação das eleições¹⁰.



Fig. 2. Augusto Bandeira. *Correio da Manhã*. 22 set. 1962.

A crise Argentina se arrastou ao longo de 1962 e por isso os gorilas *f* portenhos continuaram a povoar o noticiário dos jornais brasileiros durante os meses seguintes. Augusto Bandeira, um dos mais criativos caricaturistas do período e colaborador do influente *Correio da Manhã*, dedicou uma charge ao tema (figura 2). No traço de Bandeira, os gorilas (alguns são mais propriamente chimpanzés), trajando farda militar, atacam a democracia Argentina que, seguindo a tradição da iconografia republicana, é representada como figura feminina. A cena, apesar do viés cômico expressado nas figuras simiescas, tem toque acentuadamente sombrio. Afinal, trata-se de uma violação, uma vez que os gorilas estão arrancando as roupas da moça. É uma construção metafórica que procura associar o estupro sexual ao estupro político.

O novo termo rapidamente caiu nas boas graças da imprensa brasileira, que o incorporou ao vocabulário político em uso no conturbado contexto nacional, marcado por radicalização e polarização crescentes. Vivia-se momento de grandes esperanças e crença na possibilidade do novo, mas também de medo e incertezas quanto ao futuro. Era hora de criatividade e experimentação, e, naturalmente, o vocabulário (verbal e iconográfico) político estava aberto à incorporação de novos conceitos.

Como se viu na figura anterior, o gorila foi apropriado também pela grande imprensa. No entanto, os mais entusiásticos divulgadores do novo conceito foram jornais simpáticos à esquerda, que adotaram o gorila para representar não somente os militares de direita, mas também outros grupos e indivíduos conservadores. Nesse campo, teve papel de-

cisivo o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Criado sob patrocínio do presidente Getúlio Vargas no início dos anos 1950, com o propósito de fornecer ao líder gaúcho apoio sólido na imprensa, UH se consolidou como órgão representativo da opinião reformista-nacionalista.

O jornal alcançava ampla circulação nacional, numa época em que poucas publicações conseguiam transcender as fronteiras regionais. No início de 1963, pesquisa encomendada pelo escritório brasileiro do United States Information Service (Usis) para avaliar o impacto dos meios de comunicação nas três principais capitais, mostra que UH estava entre os jornais mais lidos, sobretudo no Rio de Janeiro, com notável penetração nas camadas populares¹¹. Com suas manchetes bombásticas e caricaturas provocativas, o jornal de Wainer tornou-se um dos carros-chefe da opinião reformista, e com isso ajudou a divulgar a figura do gorila como representação caricatural do golpismo de direita no Brasil e alhures. Em pouco tempo, a expressão começou a ser usada por outras publicações de esquerda e a ser mobilizada no debate e nas manifestações públicas.

As eleições de outubro de 1962 ofereceram ocasião propícia para o batismo do gorila brasileiro, quer dizer, para marcar a adoção da expressão como referência a atores políticos nacionais. O período eleitoral foi o momento mais intenso nas disputas ideológicas travadas em 1962, e os contendores usaram todas as armas disponíveis na batalha pela conquista da opinião pública. Nesse contexto, os integrantes do campo popular-nacionalista lançaram mão da figura do gorila para atacar os adversários: Povo derrotará nas urnas os gorilas da Guanabara; Gorilas tramam derrubar Elói Dutra¹².



Fig. 3. Roma. *Novos Rumos*. 05 abr. 1963.

¹¹ De acordo com os resultados da pesquisa, UH era o segundo jornal mais lido no Rio de Janeiro (atrás de *O Globo*). Em São Paulo, o jornal de Wainer vinha atrás em número de leitores de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*, mas tinha boa penetração entre as classes populares. Das três capitais, era em Belo Horizonte que UH tinha menor impacto (dominava amplamente o *Estado de Minas*, seguido por *O Diário*), embora contasse com apreciável quantidade de leitores. Mesmo que não fosse o mais lido em nenhuma das capitais tomada em separado, UH era o único jornal a ter boa penetração nas três áreas urbanas. USIS, mar. 1963. RG306 350-22-35-7, caixa 3. National Archives and Records Administration, College Park, MD, USA (NARA II).

¹² *Última Hora*, respectivamente: 06 out. 1962, p. 1, e 12 out. 1962, p. 2. LOC. Elói Dutra foi o vitorioso na disputa pelo cargo de vice-governador da Guanabara, derrotando o candidato apoiado por Carlos Lacerda. Ele pertencia ao campo da esquerda e seus aliados temiam que a direita tramasse algo contra sua posse.

¹³ Para mais detalhes, ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá, *op. cit.*

¹⁴ Há elementos que permitem apreciar superficialmente a influência do jornal *Novos Rumos* que, segundo estimativa da CIA, tinha circulação semanal de 40.000 exemplares (RG263 631~22~20~4, caixa 322. NARA II). Se for considerada a sociedade de maneira geral, o impacto do semanário comunista era fraco. Mas se forem considerados os setores sociais sob influência da esquerda, a situação muda um pouco. *Survey* realizado pelo USIS entre estudantes das cidades de Porto Alegre, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro mostra que o jornal comunista influenciava determinada parcela deles. Perguntou-se aos jovens de que jornal retiravam opiniões sobre política e economia: 6% dos jovens de Recife e Porto Alegre responderam *Novos Rumos* (o oitavo veículo mais votado), enquanto 4% de cariocas e paulistas disseram o mesmo, colocando o semanário comunista entre os 10 mais influentes. A pesquisa foi realizada entre maio e junho de 1963. RG306 250-62-0-6, caixas 12 (pasta 3) e 13 (pasta 2). NARA II.

Essas manchetes se referem especificamente à disputa pelo estratégico estado da Guanabara, governado por um dos maiores inimigos das esquerdas, Carlos Lacerda, precisamente o gorilaf mencionado nas reportagens anteriores. O ódio ao político carioca já havia inspirado a criação de uma figura caricatural para atacá-lo, o corvo, imagem que evocava características malignas e sinistras¹³. Embora Lacerda já possuísse sua própria persona caricatural^f, a figura do gorila renovou o arsenal satírico de seus adversários. Numa charge publicada em março de 1963 no semanário comunista *Novos Rumos*¹⁴, reproduzida na figura 3, Lacerda tem um sonho político: tornar-se o rei dos gorilaf, ou seja, alcançar a posição de líder máximo das forças de direita e dos militares golpistas.

Na imagem reproduzida a seguir (figura 4), vemos outro exemplo de representação caricatural associando Lacerda à figura do gorila, desta vez no traço de Jaguar. Na caricatura publicada em *UH*, o desenhista interpreta o tema do gorilismo^f no contexto do escândalo da Petrobrás. Em janeiro de 1964 vieram à tona denúncias sobre desvios de verbas na empresa estatal, com o agravante (para a opinião conservadora) de que haveria envolvimento de diretores da Petrobrás ligados ao Partido Comunista. O caso obteve ampla cobertura da imprensa oposicionista e causou estragos à imagem do governo. Na caricatura de *UH*, as denúncias sobre corrupção na Petrobrás são descartadas como fruto de conspiração dos gorilas. Essa conotação é sugerida pela imagem de Lacerda inflando o gorila, ou seja, a crise era artificialmente insuflada pelos inimigos do governo. Por meio de recurso metonímico, o governador carioca é associado aos militares golpistas de direita; mais do que isso, o desenho aponta Lacerda como o chefe ou controlador dos gorilas.

Jaguar e a Conspiração Contra a Petrobrás



Fig. 4. Jaguar. *Última Hora*. 01 fev. 1964.

Em algumas representações, o próprio Lacerda é retratado como gorila também, como numa das imagens mais célebres do comício da Central do Brasil, em 13 de março de 1964. Naquele evento apoteótico dos grupos de esquerda pró-Goulart, alguém segurava cartaz que se destacou em meio à multidão de bandeiras e objetos empunhados pelos manifestantes. O cartaz (figura 5) continha uma grande caricatura de Lacerda como gorila, cujos adereços tradicionais (pelagem, patas) foram acrescidos de dois detalhes para conotar caracteres sinistros: presas e orelhas de vampiro.



Fig. 5. Anônimo. *Última Hora*. 14 mar. 1964.

Outros inimigos da esquerda foram igualmente atacados com o epíteto gorila. Na charge seguinte (figura 6), o alvo é o Ibad (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), organização política que financiava candidatos e publicações de direita. Havia indícios fortes de que o Ibad era controlado do exterior e a pressão da esquerda contra o instituto finalmente levou à sua proscrição pelo presidente Goulart. Aliás, essa charge foi publicada no contexto da campanha contra o IBAD. O chargista Roma, do semanário comunista *Novos Rumos*, apresenta três sugestões para o extermínio do gorila Ibad. O primeiro quadro é o que contém sentido menos evidente. Um operário está derrubando uma estátua de gorila fardado, em cuja base está escrito Ibad. Minha interpretação é que o autor está evocando a possibilidade de uma revolução social, em que o operariado derrubaria de seus pedestais os militares de direita, aqui associados ao Ibad e às tradições do Exército (por isso a menção à estátua).

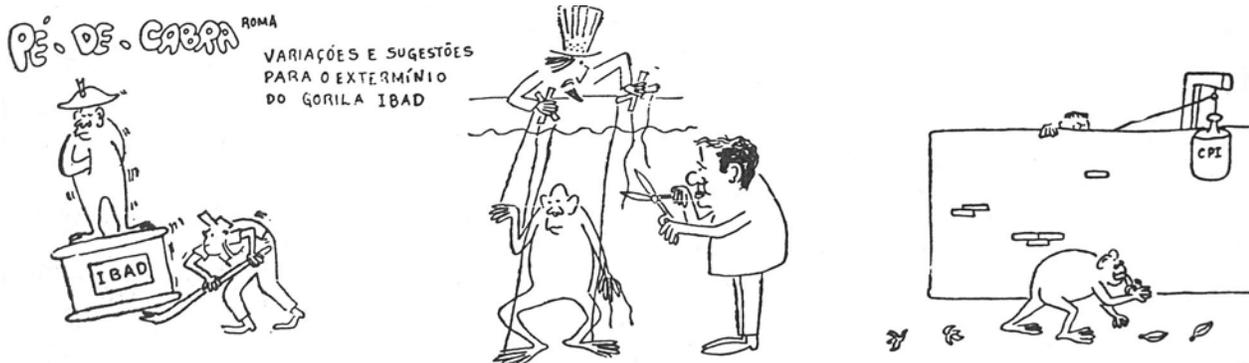


Fig. 6. Roma. *Novos Rumos*. 06 set. 1963.

¹⁵ *Última Hora*, 18 jan. 1963, p. 1. LOC.

¹⁶ *Idem*, 06 fev. 1963, p. 4. LOC.

¹⁷ *Idem*, 04 maio 1963, p. 4. LOC.

¹⁸ *Última Hora*, 13 jul. 1963, p. 1. LOC.

¹⁹ A matéria noticia novas goriladasf na Argentina. *Última Hora*, 03 abr. 1963, p. 1. LOC.

²⁰ Manchete de matéria que noticia a prisão do general gorilaf norte-americano Edwin Walker, acusado de apoiar grupos racistas do sul dos EUA. *Última Hora*, 02 out. 1962, p. 1. LOC.

²¹ A acusação de gorila devia-se ao apoio de Muricy à facção que tentou impedir a posse de Goulart, enquanto a alegada covardia decorria da versão que o general fugiu do Rio Grande do Sul para evitar confronto com a ala legalista, dominante naquele estado.

²² Sobre a repercussão da crise, ver *Correio da Manhã*, 07 maio 1963, p. 12. LOC.

No segundo quadro, a opção apresentada expressa um dos maiores desejos da esquerda: que Goulart usasse seu poder para cortar a influência de Tio Sam sobre os gorilas brasileiros. Metaforicamente, está sendo dito que o imperialismo americano controla as forças de direita atuantes no Brasil, tanto os civis (Ibad) como os militares. A terceira sugestão do chargista menciona a possibilidade de a Comissão Parlamentar de Inquérito dar cabo do gorila. De fato, uma CPI foi criada para investigar as obscuras origens do instituto, mas pouco produziu em termos práticos.

A imagem do gorila foi usada para atacar também outras personagens da direita. Vários políticos conservadores foram homenageadosf com o epíteto (Voltou o gorila Gustavo Capanemaf¹⁵; Gorilas da UDN querem silenciar Brizolaf¹⁶; Gorila João Mendes critica os Bisposf¹⁷), inclusive eventos e personagens internacionais (Gorilas impõem terror no Equadorf¹⁸; Gorilas de Guido esmagam revolta de ultra-gorilaf¹⁹). Até nos Estados Unidos foram localizados gorilas: Pára-quedaistas contra os Gorilas do Mississipif²⁰. Entretanto, a referência mais freqüente era mesmo ao alvo original, os militares brasileiros, e essa era a mais polêmica e potencialmente explosiva.

Episódio ocorrido em maio de 1963 contribuiu para celebrar a associação entre militares e a figura do gorila. Durante evento político na cidade de Natal, o deputado Leonel Brizola, uma das estrelas ascendentes na esquerda, fez discurso agressivo contra o comandante da guarnição local do Exército, general Antônio Carlos Muricy. Em plena praça pública, Brizola chamou Muricy de gorila e ainda insinuou que o general era covarde, por causa de sua atuação na crise de agosto de 1961²¹. Os militares reagiram com indignação ao discurso provocativo de Brizola e um grupo de oficiais da guarnição de Natal cercou o hotel do deputado, ameaçando responder aos ataques verbais com agressão física. Muitos oficiais das Forças Armadas consideraram-se insultados pelo discurso do parlamentar gaúcho e sua reação gerou crise política nos meios governamentais²². A repercussão nacional alcançada pela crise ajudou a consolidar a inclusão do gorila no vocabulário político nacional, em seu sentido principal de referência aos militares de direita. E também mostrou que o termo causava incômodo nos grupos que eram alvo da zombaria.



Fig. 7. Roma. *Novos Rumos*. 24 maio 1963.

A caricatura reproduzida na figura 7 foi publicada na seqüência do evento na capital potiguar. Usando a ironia como figura de linguagem, o autor critica a presença de oficiais direitistas em postos de comando importantes do Exército, de que se utilizavam para tentar barrar as reformas sociais. No desenho, um oficial gorilaf tenta convencer Goulart que o grupo de sargentos (ao fundo) compõem minoria nas Forças Armadas. Certamente está aludindo ao grupo de militares subalternos que mantinha ligações com setores de esquerda e integrava a mobilização popular-nacionalista. Os subalternos politizados ocupavam espaço importante tanto nos planos quanto na imaginação das esquerdas, e suas reivindicações e manifestações tiveram papel decisivo nos acontecimentos de 1964. É interessante perceber que os sargentos (todos trazem a insígnia de três listras no braço) são retratados com o mesmo rosto, recurso usado para conotar a presença de fortes laços de identidade unindo o grupo. A mensagem irônica confere comicidade à cena, ao mesmo tempo em que serve de instrumento para criticar os projetos conservadores. O oficial gorila diz a Jango que o setor ligado à causa reformista nas Forças Armadas é minoritário, mas a imagem mostra exatamente o contrário, ou seja, ele, o gorilaf, é que está em minoria.



Fig. 8. Roma. *Novos Rumos*. 17 maio 1963.

Em outra charge do mesmo autor (figura 8), de novo a presença das duas figuras-chave nas disputas travadas no interior das Forças Armadas, o sargento e o oficial gorilaf. Mais uma vez, os sargentos são apresentados como o grupo mais forte na disputa, com a novidade de que agora a sua superioridade em relação aos gorilas^f é mais explícita. Numa mensagem cheia de otimismo para os simpatizantes da esquerda, o sargento politizado das Forças Armadas é retratado domando a fera, no caso, o gorila, não deixando dúvidas quanto ao resultado do eventual confronto. A charge é uma interessante ilustração da imaginação política das esquerdas no período pré-golpe de 1964, que iria se chocar contra a dura realidade em 31 de março.

Recepção

Um dos maiores desafios que se colocam ao estudo das representações políticas é o problema da recepção. Já há algum tempo, historiadores e cientistas sociais estão cientes que não basta analisar o discurso, a propaganda, o imaginário, a iconografia produzida pelos diferentes atores políticos. Compreender como as imagens são elaboradas e desvendar seus sentidos é fundamental, mas permanece o problema de saber como elas são recebidas pelo público a que são dirigidas. A mera existência e a publicação das imagens visuais não são garantias de que tenham impactado significativamente o público, tampouco que sua mensagem tenha sido interpretada pelos receptores da maneira desejada.

No caso do gorila, há possibilidades interessantes de estudar as maneiras como a imagem foi recebida, problema teórico e metodológico mais fácil de enunciar do que de enfrentar. Penso que uma estratégia válida para dimensionar a recepção das caricaturas é analisar a reação de quem era objeto da crítica, sobretudo porque as representações visuais em foco são de natureza política. Se o alvo dos ataques esboça alguma reação, isso é indício de que elas tiveram repercussão, causaram incômodo. No caso dos militares brasileiros, não há dúvida, sua representação como gorila causou mal-estar e desagrado, como no episódio das críticas ao general Muricy em Natal.

A construção caricatural do gorila produziu resultados efetivos e duradouros, ao ponto de os grupos atingidos pela zombaria terem se mobilizado para dar resposta aos atacantes. Alguns militares reagiram com mau humor à galhofa gorilesca^f e ameaçaram responder com violência à zombaria considerada intolerável. Entretanto, outros grupos adotaram estratégia mais sofisticada e inteligente para reagir aos ataques. Resolveram tentar se apropriar da representação do gorila, aceitando o adjetivo, mas com a intenção de diluir ou anular seu conteúdo crítico. Se eles pudessem se apropriar da imagem, poderiam mudar sua conotação original, ligada a reacionarismo e golpismo, e atribuir-lhe sentidos mais favoráveis e positivos.

Em meados de 1963, alguns oficiais das Forças Armadas começaram a declarar-se *gorilas* e com isso tentavam usar a imagem em benefício da sua luta contra as esquerdas. Um grupo de militares criou um boletim intitulado *O Gorila*, em que registraram: Eles já nos chamam de gorilas. Gorila é todo oficial ou praça que não se presta às manobras comunistas. (...) Gorila é por tanto, (*sic*) um galhardão que deve honrar a

todos. Lutemos juntos, unidos, pela honra de ser gorilaf²³. A sua intenção, reitero, era esvaziar o sentido crítico e zombeteiro de *gorila*, à medida que os próprios atacados se apropriavam da palavra. Com isso, a gozação perdia um pouco a graça. Por outro lado, e mais importante, procuravam ligar gorilismo a anticomunismo, o que, por associação, implicava os seus adversários com a imagem da ameaça comunista. Com isso pretendiam estabelecer que quem denunciava o gorilismo só poderia ser comunista. Ao tentar fixar a idéia que ser *gorila* significava lutar contra o comunismo e importa referir que a ameaça vermelhaf evocava um cortejo de imagens negativas, o propósito era alterar a semântica original que associava o bichof a agentes políticos reacionários e golpistas. Nessa outra acepção, *gorila* passaria a ter significado positivo, representando os que lutavam em defesa da pátria brasileira ameaçada por inimigo maléfico e sinistro.

A estratégia de incorporar o gorila como símbolo anticomunista se disseminou até por grupos direitistas do interior do país. Em 7 de março de 1964, a cidade paulista de Bauru foi a sede escolhida para evento organizado por certa Frente Anticomunista. Várias cidades de São Paulo mandaram representantes e o governador enviou o comandante da Polícia Civil e o secretário de Agricultura. Também estava presente o deputado João Calmon, um dos líderes do movimento anticomunista e anti-Goulart. Mas o que interessa aqui é mencionar um detalhe: uma das delegações municipais trouxe como estandarte a figura de um grande gorila, que aparece esmagando a foice e o martelo do comunismo²⁴. Outro exemplo curioso de apropriação do adjetivo envolveu o general Olympio Mourão Filho, que viria a ser o comandante do destacamento militar iniciador do golpe de 1964. Numa atitude de desafio sintonizada com a dos grupos anteriormente mencionados, ele deu ao seu cãozinho poodle de estimação o nome Gorila.²⁵

Quaisquer que tenham sido seus resultados, essas tentativas de alterar o sentido de gorila revelam que as construções visuais (e verbais) em torno dessa figura alcançaram repercussão significativa. De outro modo, não haveria razão para os grupos de direita buscarem apropriarse da imagem ou desmontar o seu sentido crítico. Tais iniciativas da direita visando a disputar a construção da semântica de gorila encontraram resposta dos chargistas de esquerda, mostrando que houve diálogo e embates intensos entre as duas pontas do espectro ideológico em torno dessa figura caricatural.

Nas duas reproduções seguintes aparecem charges de *Última Hora* mencionando (e zombando) as tentativas dos oficiais de direita de apropriarem-se do gorila, no caso dois coronéis do Exército. Ambos fizeram declarações públicas em que se assumem como gorilasf, com o fito de disputar o controle da imagem e conferir-lhe conotação positiva. No primeiro caso (figura 9), o coronel Ardovino Barbosa fez tais declarações no Clube Militar, e Jaguar reconstrói a cena, mostrando, na ante-sala da sede do Clube, que o uniforme do oficial era feito de tecido incomum... A outra charge (figura 10), que usa recurso tradicional da arte caricatural²⁶, mostra o processo de transformação do coronel Policarpo em gorila, usando como mote declarações do próprio oficial.

²³ A publicação do boletim foi noticiada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (02/07/63, p. 6. Arquivo do Estado de São Paulo). O primeiro número do boletim, em versão digital, pode ser visto no site <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/hm/>> (consultado em 18 jan. 2007).

²⁴ RG59, 250-06-29, caixa 1930, pasta 1. Consulado dos EUA em São Paulo, Weekly Summary 11, 12-03-1964. NARA II.

²⁵ STACHINI, José. *Março de 64: mobilização da audácia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. Em outra demonstração de que o tema do gorilismofo o sensibilizava, o general Mourão convidou o general Muricy (o que foi chamado de gorila por Brizola) para comandar a vanguarda de suas forças. Desejava, assim, homenagear um oficial que havia sido espezinhado pela esquerda.

²⁶ A charge de Jaguar usa o mesmo esquema visual (a transformação do personagem em quatro quadros sucessivos) de uma das caricaturas de maior impacto na história que, aliás, rendeu prisão ao autor. Em 1832, Charles Philipon (em idéia depois retrabalhada por Honoré Daumier) mostra o processo de transformação do rei francês Luís Filipe em pèra.

Jaguar e a Reunião



— Parece que o Ardovino já chegou ...

Fig. 9. Jaguar. Última Hora. 09 jul. 1963.

JAGUAR E OS "GORILAS"

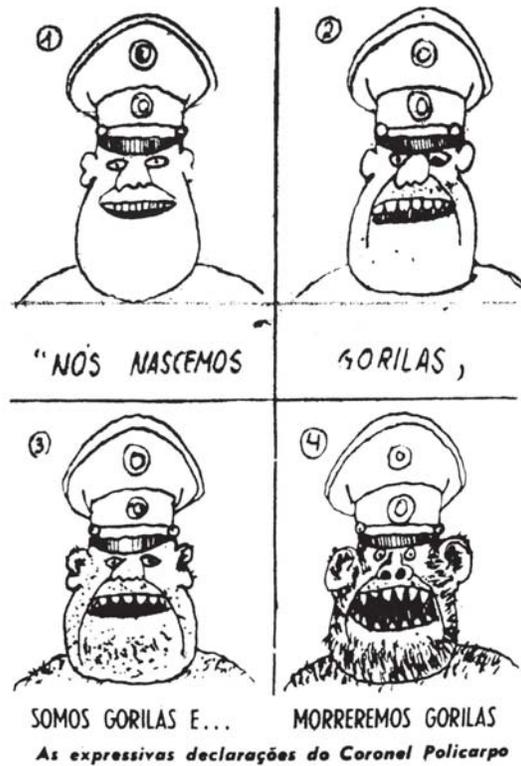


Fig. 10. Jaguar. Última Hora. 15 jul. 1963.

A vitória dos gorilasf

Introduzida no Brasil no início de 1962, a figura do gorila entrou para o vocabulário político do país e foi usada com intensidade crescente durante 1963 e 1964. Utilizada principalmente pelas esquerdas, a imagem serviu ao propósito de popularizar os argumentos críticos dirigidos às forças de direita. Ao lado de representações como Tio Sam, o corvo Lacerda, os tubarões (comerciantes exploradores do povof) e o capitalista gordo, entre outras, o gorila povoou o imaginário político das esquerdas em ação no período, ajudando a fixar a imagem dos inimigos das reformas sociais e dos projetos de emancipação do povo brasileirof.

Sobretudo entre fins de 1963 e 31 de março de 1964, o gorila apareceu em dezenas de reportagens, charges, discursos e cartazes da esquerda, sempre significando a ameaça de golpe direitista contra as transformações sociais. Nas semanas antecedentes ao 31 de março, por várias vezes a imprensa esquerdista denunciou que um golpe gorilaf contra o governo Goulart estava em andamento. O volume é tão grande que seria enfadonho e repetitivo reproduzir todo o material, além de desnecessário. Basta referir que na principal manifestação pública do campo nacional-reformista, o comício da Central do Brasil em 13 de março de 1964, a figura teve presença de destaque, a começar pelo material de publicidade, que convocava o povo a comparecer para manifestar-se contra os gorilasf. Diversos manifestantes presentes ao evento levaram cartazes alusivos à figura, além da já mencionada caricatura gigante de Lacerda como gorila-vampiro (figura 5). Um dos manifestantes, por exemplo, empunhava cartaz que chamou a atenção. Nele aparecia boneco pendurado numa forca, acompanhado dos dizeres: Este é o destino dos gorilasf²⁷.

Para desgosto das esquerdas, o destino dos gorilasf não foi a forca, mas o poder. Eles venceram a disputa e instalaram uma ditadura militar que duraria duas décadas. Apesar da derrota da esquerda, ou melhor, sobretudo por causa dela, a imagem do gorila continuou a ser usada durante o regime militar. Agora não se tratava mais de denunciar os propósitos golpistas da direita, mas de protestar contra as arbitrariedades dos novos ocupantes do poder.

Exemplo curioso e engraçado ocorreu em Porto Alegre em novembro de 1964, numa operação galhofeira executada por grupo de militantes do PCB. O episódio foi registrado no boletim interno do consulado americano e, recentemente, relatado por um dos autores da brincadeira²⁸. Em 9 de novembro de 1964, o grupo soltou dois macacos²⁹ no centro de Porto Alegre, que causaram alvoroço nas praças da cidade. Um deles em particular deu bastante trabalho ao corpo de bombeiros, que levou horas para capturar o animal. A cena inusitada, inevitavelmente, atraiu a atenção de uma pequena multidão na capital gaúcha, entretida pelas estripulias do macaco perseguido pelas forças da repressão. O pessoal do consulado americano se deixou contaminar pelo espírito brincalhão e intitulou o texto Macacos subversivos capturados pelo corpo de bombeirosf. Os dois animais traziam no pescoço cartazes contendo crítica ao presidente-general, com os dizeres: Castelo Branco diz que o custo de vida vai cair. Eu digo que o custo de vida vai cairf. Para completar o caráter derrisório da cena, os bombeiros tomaram uma decisão

²⁷ *Correio da Manhã*, 14 mar. 1964, p. 8. LOC.

²⁸ Ver AVELINE, João Batista. Por que os comunistas disseram não à luta armada. *Política Democrática*: Revista de política e cultura. Brasília, no10, 2004. O relato do Consulado dos EUA em Porto Alegre encontra-se em *Weekly Summary* 19, 10-11-1964. RG59, 250-06-29, caixa 1929, pasta 1. NARA II. É interessante mencionar que os dois relatos são praticamente coincidentes, com a diferença que Aveline oferece detalhes sobre a logística da operação (a compra dos bichos, o transporte) que nem o consulado norte-americano ou a polícia conseguiram obter.

²⁹ O fato de terem usado macacos no lugar de gorilas deve ser atribuído ao fato daqueles serem mais fáceis para conseguir e menos perigosos para lidar. Em seu relato, Aveline afirma que a intenção era de fato chamar os militares de gorilas.

surpreendente: entregaram os dois macacos ao DOPS gaúcho!

O destino dado aos macacos subversivos^f gaúchos redundou em ação repressiva ridícula. Mas o episódio ajuda a lembrar que o uso da figura do gorila durante o regime militar era considerado subversivo, implicando riscos para os autores. O gorila feria a sensibilidade dos militares e, agora, eles mandavam. Foge aos propósitos do artigo analisar o uso dessa figura caricatural no contexto da ditadura militar. Entretanto, parece claro, futuras pesquisas deverão levar em conta a dinâmica conflituosa que opôs a vigilância das forças de repressão à criatividade e pertinácia dos grupos de oposição ao governo dos gorilas^f.

80

Artigo recebido em setembro de 2007. Aprovado em novembro de 2007.